

O CONDÓMINO

ANTÓNIO GREGÓRIO

O CONDÓMINO

LÍNGUA MORTA

PRÓLOGO

Era o dia da minha ressurreição e eu de avental pelo jazigo, quotidianíssimo soprando, espanando o pó que o tempo morto acumula sobre tudo, a lidar e a lidar e descrente no prodígio que se avizinhava ou nem isso, que a descrença nalguma coisa pede ao menos um pensamento a respeito e eu afizera-me tanto à minha morte (quantos anos levava já dela?) que, finda a vaga de sobressaltos, a tomei outra vez como coisa certa, assegurada, uma fatalidade sem os dramas, os anseios, os temores que costumam acompanhar os trabalhos de manutenção dos estados instáveis. Vou, pois, chegar-me ao precipício da memória, ai a altura, ai a vertigem; se uma pessoa resvala, até onde pode cair?

«Queres-me de indicador enganchado na presilha das tuas calças?»

Que exagero, toca-me só amiúde para eu ir sentindo o amparo.

«Começa, enquanto ponho a água a ferver.»

O primeiro sentido excitado é o olfacto, rodela de cebola a frigir no óleo e uma omeleta em composição: dois ovos que eu ostensivamente batia numa tigela irritadíssimo do mau sono por causa do cão de algum condómino próximo que toda a noite uivou, toda a noite ladrou.

«Um presságio?»

Oh, não, dá-lhe para isso muitas vezes. Depois o guin-

cho desagradável, falta de lubrificação e empeno, da porta do condomínio a ser aberta, a ser fechada, e a música dos meus passos predilectos em subida, o meu amor pós-laboral que chega; a frigideira quente, os ovos batidos, mas eu largando tudo a recebê-lo, a colar o meu olho ao olho-mágico, de coração exaltado aos batimentos cada vez menos feitos de reverberações equívocas e mais completos de pormenores e coisas únicas, batendo e a fazer bater por simpatia a porta, as paredes, os móveis encostados a elas e já o vejo, já o vejo, um por cento do meu amor, dois por cento do meu amor no meu campo de visão, todos por cento e quase me olha, quase sorri para mim, o tempo congelado a ralentar-lhe a progressão — até ao degelo voraz e veloz, o meu amor degraus acima rumo à invisibilidade costumeira. Agora o meu retorno à cebola entretanto queimada e a par bocadinhos de estuque boiando no óleo, sucesso a que achei imensa graça, de mim para mim (a rir muito, a rir muito) descontando o prédio velho o coração quando bate, bate, enquanto chorava e chorava por causa das novas rodela de cebola que já começara a cortar.

«E os presságios? Sou um bocadinho supersticioso e creio que acontecimentos tremendos da ordem da morte e da ressurreição são antecidos por outros menores, sinalizadores.»

Oh, depois do acontecimento tremendo qualquer coisinha insignificante da véspera pode ser revista como um sinal: a Beatriz andou mais frenética que de costume a anunciar o apocalipse aos condóminos, de facto, como se dessa vez tivesse dele mais certeza do que das outras; também a

dona Lurdes me apareceu ajeitando da casa-de-banho, uma mão em adeus e a outra na alavanca do autoclismo, desaparecendo de vez na enxurrada. Só que a Beatriz faz batota, arrastando sem pudor ao longo do calendário as previsões goradas do apocalipse – e alguma vez teria de acertar, não é?; e, quanto à dona Lurdes, não dou grande crédito a fantasmas, cabeceio por respeito a estas coisas um ou outro sim de circunstância como quem segue a conversa, mas chateiam-me aqueles largos gestos metafóricos carregadinhos de subtilezas que não dizem nada ou que, por isso mesmo, se adaptam aos medos de cada um e servem para dizer tudo e mais alguma coisa.

«A água ferve; preto ou verde?»

O que escolheres para ti, está bom para mim.

Não sei precisar a primeira vinda da Beatriz, a instituição da regularidade das suas visitas ao condomínio parece mais antiga do que realmente é porque, olhando e olhando para trás, não me vejo nítido no período anterior a elas, a doce rotina sem a experiência de tanta aflição; porém, se a memória me é falha em datas, é-me diligente se evoco primeiros vislumbres, acrescentando inclusive aos factos alguma coisa que possa fazer falta. Recordo, então, que era tarde de limpeza das escadas do prédio, que o rumor da Muda lidando no patamar acima se aproximava lentamente e que o meu cuidado se dividia entre a omeleta serôdia a compor na cozinha e a iminência daquele aparecimento de gente ao meu olho-mágico. Não é que, no caso, houvesse alguma coisa interessante a apreciar, a dança da Muda era sempre igual, ao ponto de certos recantos acumularem o surro de anos por a coreografia não os contemplar, mas os últimos dias tinham sido aborrecidos, muito pobres de trânsito pelas escadas e eu sentia-me deveras entediado, de modo que, de tigela de ovos semi-batidos na mão, o cabo do garfo apertado entre o polegar e a borda em prol do silêncio, e enquanto a cebola aloirava, vim apreciá-la: olho colado ao olho-mágico mas a Muda nunca mais (o andamento igual ao das outras sessões, eu sei, só a minha impaciência a dar-lhe lastro), um bocejo afectado, literário, e foi quase à beira de abortar a espera e que se fodesse a Muda se na cozinha uma cebola aloira por mim que a Beatriz pediu para entrar nesta história.

Alguém tocou lá em baixo a sequência toda das campanhas, do estridorzinho roufenho das do rés-do-chão ao estridor pleno do meu primeiro esquerdo, decrescente outra vez até ao topo, terceiro piso, um lado por alugar e o outro a morada do meu amor também vazia àquela hora laboral. Carreguei no botão de abrir e ficámos à espera, eu e a Muda que, embora ainda invisível, pressenti da mesma excitação, imóvel e de fôlego suspenso: propaganda nas caixas do correio?, ah, mas eu fazendo figas por um vendedor porta-a-porta, entretenimento contra a manhã chata e a tarde insinuando-se sem remédio do mesmo jaez, e por isso me foi tão feliz ouvir que, fosse quem fosse, deixou em branco as caixas do correio e começou a subir.

Podia ter ido desligar o fogão, dava tempo, a visita detinha-se a cada porta mais do que o necessário para perceber que não lha abririam e a cebola com certeza para lá de loira, entrada no esturro e não tardaria a feder e a uma hora tão inconveniente, nem de almoço nem de lanche mas de condomínio repousando dos cheiros intensos, quero dizer, pouco benfazeja à minha discrição, ao meticuloso trabalho de inexistência a que me dedicava (a dona Lurdes premiando-me involuntária chamando amiúde jazigo ao meu apartamento); podia ter ido desligar o fogão mas a Muda falha de paciência para grandes esperas retomara a dança e agora sim, era-me visível, dançava dançava e eu distraí-me nas voltas – e nem quando voltou a ficar imóvel a olhar para baixo cumprimentadora me lembrei de que a visita, ainda que lenta, teria de

estar já perto, de modo que, chegado o momento, levei com ela toda de uma vez, distorcidíssima ao meu olho-mágico pela bruta proximidade, dedo brutaemente na campainha e eu num salto atrás, valha-me o deus do atabalhoamento, o garfo solto da pressão do polegar e tilintando, coisa pouca mas audível para lá da porta porque, quando me recompus do desequilíbrio e voltei a ter mão no silêncio e o olho no olho-mágico, a visita endireitara as costas e reforçara a simpatia profissional do sorriso.

Vejam: não era à partida uma figura intimidante, senhora, como costuma dizer-se, madura, nem bonita nem feia (a maquilhagem sublinhando o nem uma coisa nem outra), placa de nome ao peito e logótipo da sua pertença estampado na malinha a tiracolo — quantos vendedores assim já me haviam vindo à porta?; mas à medida que me afazia à vulgaridade da figura, ia sentindo desprender-se dela, do íntimo dela, a tremenda distinção de quem me vê e veio, cruzando bairros e bairros formigando condóminos, especificamente para mim e não para o acaso de qualquer condómino ali à espreita, ou seja, como se me estivesse mesmo a ver e não apenas a supor, olhando agora acintosa para o meu olho colado ao olho-mágico, sorriso filho-da-puta e eu a levar com uma epifania em cima e outra vez de salto atrás, atabalhoadíssimo tilintando o garfo à desgarrada, ai, que nem de propósito me anunciaria com mais espalhafato, a consciência do desastre a ampliá-lo, princípio de uma espiral que travei fugindo para a cozinha e obrigando-me a ser só da omeleta, a atentar exclusivo à cebola morta, ao óleo morto, tudo queimado e tudo

para o lixo e eu muito chefe, muito meticoloso recomeçando, rodela perfeita, óleo novo, e faz de conta que não ouvia a Beatriz a comentar com a Muda, *Parece-me que ouvi gente* (a Muda trombonando a resposta), a insistência na campainha e por fim o rumor que dizem fazer os flocos de neve quando caem, um papel deslizando por baixo da porta.

«Até estou arrepiado, olha.»

A cebola nova no óleo novo, frigindo frigindo, e a fome de várias horas por causa de um pequeno-almoço frouxo: tanto motivo de interesse na cozinha amiga, íntima, ao contrário do hall de entrada sempre feito com o exterior e o perigo que era eu por lá em tarde tão desastrosa, tão barulhenta, de mim para mim deixa estar o papel, forjarás a preceito a casualidade do seu achamento na próxima lida da vassoura por aquele chão, se pegar-lhe agora (observado com os instrumentos certos com certeza que alaranjaria ainda as manchas de calor, azularia os humores frescos dos dedos que acabaram de o largar), sem período de nojo de permeio, seria como dar a mão à Beatriz, deus me livre, e dar-lhe a mão quase quase como abrir-lhe a porta, ressurreição temporã e eu mal-formado saindo à rua, boa tarde à Muda-a-dias, aos condóminos eventualmente em trânsito pela escadaria, enfim, aos munícipes na generalidade.

«Tenho algum pudor em confessar isto: nunca me sento em bancos quentes; uma mania a que me deram desde pequeno.»

Era como eu, era como eu, nos meus tempos públicos, nos transportes, por exemplo: fui educado para o medo de doenças que se apanhavam assim, um ninho de micróbios a fermentar naquele calor, mas o que se temia era doutra ordem, parece-me, o lastro de má sorte, mau karma, que cada indivíduo carrega e vai largando quanto e onde pode (e recolhendo da mesma forma porque, de balde a educação para o

apartamento, não há remédio a sermos uns com os outros); eis-me, portanto, na cozinha a dizer-me dedica-te à omeleta, cozinhá-la, comê-la, digeri-la, cagá-la, tanta actividade em perspectiva contra a falsa urgência de pegar no papel que dali não sai e entretanto esfumar-se-á a presença humana que o empesta (e ainda que não fosse entretanto, se tempo era coisa que não me faltava e paciência apanágio dos mortos), ai, mas a campainha da dona Lurdes soava já e eu sabia-a mortinha por atender, por representar a sua farsa preferida, a da requisitada que não pode ir a tanta requisição, *Quem é?*, tão sonsa, vinda das entranhas da casa para onde corra pouco antes de modo a que o seu *Quem é?* parecesse de quem vem e não de quem está, como eu sei que ela estava, postada ao olho-mágico.

Sou a Beatriz e gostaria de trocar umas ideias consigo e a Muda no nosso patamar demorando a descida, acompanhando a cena, a dona Lurdes agora em fresta de atendimento a afectar ainda não ter percebido a natureza da visita e logo a seguir, *Oh, não estou interessada nessas coisas*, muito depreciadora dramatizando a pressa em retirar-se, uma lida inteira a chamá-la, uma agenda a rebentar de compromissos, que nervos, que nervos, tão sonsa, mas a Beatriz profissional da fé e da falta dela, pisteira de solidões como certos predadores de sangue fresco a longa distância, *Ainda assim, tome, não lhe levará muito tempo a ler e eu noutra dia passarei aqui para trocar umas ideias consigo*, a estender-lhe um papel igual ao meu (a repetição do gesto desmistificando o carácter pessoal que sentira no que me dedicara antes, aliviando-me,

que afinal é só mais um prospecto desses que tanta gente mete em todo o lado), a dona Lurdes *Não passe, não passe, perde a viagem, não tenho tempo para estas coisas* e com licença, fechando a porta e resmungando em decrescendo até deixar de se ouvir. Terá visto ainda, regressada em pés-de-lã ao olho-mágico, a Beatriz a anotar qualquer coisa num caderninho e a subir aos pisos em falta.

Ninguém a atenderia lá, em casa àquela hora só os reformados do segundo direito, o condómino ex-bombeiro e a condómina sua esposa, porém da mesma escola dos do rés-do-chão que não atendem pedintes nem vendedores, e a tentativa de angariar a Muda (a Beatriz desprevenida para uma comunicação tão específica) foi breve, ficando com certeza para outra oportunidade, ou seja, a sessão tinha acabado e eu não estava a fazer nada ali de tigela triste nas mãos e existindo escandalosamente em esturro — mas permaneci; quis confirmar, num último avistamento, o exagero das minhas primeiras impressões, a impessoalidade do nosso encontro. Ora, à descida, sem deter a marcha da debandada, olhou-me outra vez no fundo do olho que sabia colado ao olho-mágico e mimou um beijo, um beijo, a deslocação do ar atravessando sem incomodar a porta e a projectar-me para trás, a tigela ganhando vida, subindo-me das mãos para um estrondo maior e sobressaltando a Muda que até então nunca me ligara grande coisa e veio encostar o ouvido à porta a ver o que havia (eu de mim para mim como se fosse para ela que não há nada, não há nada, vá lá à sua vida).

Apaguei o fogão e fiquei para ali sentado quantas horas

até ir à minha vida? A Beatriz com milhentas campainhas tocadas depois de mim e da Muda nem sinais (a lida feita e o chão há muito seco), indícios da noite segundo a penumbra que passara a entrar ao invés da luz pelas mínimas falhas dos estores, rumores de fim de expediente e primeiros cheiros do jantar: de novo em movimento a caminho da despensa por uma esfregona e um balde espremedor, abaixando-me agora a pegar no papel que escapara miraculosamente ao estardalhaço e lendo nela a data próxima do apocalipse.